

## A SÉRIE “ANNE WITH AN E” E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A DISCUSSÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO

### LA SERIE “ANNE WITH AN E” Y SU APORTE A LA DISCUSIÓN DE LOS ROLES DE GÉNERO

Lívia Melo<sup>1</sup>

**RESUMO:** A série canadense *Anne with an "E"*, produzida pela Moira Walley-Beckett, é uma adaptação refinada e atual do romance de Lucy Maud Montgomery, *Anne de Green Gables*, publicado em 1908. A série conta com três temporadas, e, num enredo envolvente, apresenta os fatos vividos pela protagonista, após esta ter sido adotada por engano, por um casal de irmãos de meia idade. O presente ensaio objetiva correlacionar os temas e conceitos abordados na série sob a ótica feminista do que é *ser mulher*, e contribuir para a discussão sobre criação sexista e seu caráter reprodutor de desigualdades de gênero. Inicialmente, foi-se discutida a correlação da série com a expressão “*não se nasce mulher, torna-se mulher*”, uma vez que sexo e gênero são coisas diferentes, sendo este fruto da construção social. Depois, foram discutidos pontos que possuem relação direta com a expressão “*Bela, Recatada e do Lar*”, e, ao final, sobre a mensagem que coaduna com as expressões “*Lugar de mulher é onde ela quiser*” e “*Sejamos todos feministas*”, reforçando a mensagem de cada ser humano é único e que padrões não podem determinar quem somos e nossas funções, além de que é necessário muitas e todas as mãos para transformações sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** papéis de gênero; gênero; telenovela; construção social.

**RESUMEN:** La serie canadiense *Anne with an "E"*, producida por Moira Walley-Beckett, es una refinada y actual adaptación de la novela de Lucy Maud Montgomery, *Anne of Green Gables*, en 1908. La serie consta de tres temporadas y, en una atractiva trama, presenta los hechos vividos por la protagonista, luego de ser adoptada por error por una pareja de hermanos de mediana edad. Este ensayo pretende correlacionar los temas y conceptos abordados en la serie desde una perspectiva feminista de lo que significa ser mujer, y contribuir a la discusión sobre la creación sexista y su carácter reproductor de las desigualdades de género. Inicialmente se discutió la correlación de la serie con la expresión “*No se nace mujer, se llega a serlo*”, ya que sexo y género son cosas diferentes, siendo el resultado de una construcción social. Luego, se discutieron puntos que están directamente relacionados con la expresión “*Bela, Recatada e do Lar*”, y, al final, sobre el mensaje que es consistente con las expresiones “*El lugar de la mujer es donde ella quiere estar*” y “*Seamos todos feministas*”, reforzando el mensaje de que cada ser humano es único y que las normas no pueden determinar quiénes somos y nuestro rol, y que se necesitan muchas y todas las manos para las transformaciones sociales.

**PALABRAS CLAVE:** roles de género; género; telenovela; construcción social.

**SUMÁRIO:** 1. Introdução. 2. “Não se nasce mulher, torne-se”. 3. “Bela Recatada e do lar”. 4. “Lugar de mulher é onde ela quiser” e “sejamos todos feministas”. 5. Conclusão. Referências

### 1. INTRODUÇÃO

*Anne with an "E"* é uma série de televisão canadense produzida pela Moira Walley-Beckett cujo roteiro adapta e refina o belo romance de Lucy Maud Montgomery, *Anne de Green Gables*, originalmente publicado em 1908, cuja primeira temporada foi ao ar em 2017. A trama se desenrola no início do século XX, em um território interiorano no Canadá, na Ilha do Príncipe Eduardo, onde a órfã, *Anne Shirley* (Amybeth McNulty) uma menina ruiva,

<sup>1</sup> Graduada em Fisioterapia pela Universidade Tiradentes (2010). Especialização em Uroginecologia pela Universidade Gama Filho (2012). Formou-se Doula pelo GAMA/Coaracy (2015). Graduada em Direito pela Universidade Salvador (UNIFACS). Possui capacitação em Direito das Mulheres e em Lei Maria da Penha pela Escola Brasileira de Direitos das Mulheres e Capacitação em Violência Obstétrica pelo Mentoria do Direito. Mãe de uma filha nascida em 2017.

*magricela* e cheia de sardas, que é adotada por engano pelos irmãos *Marilla Cuthbert* (Geraldine James) e *Matthew Cuthbert* (R.H. Thomson) que viviam numa fazenda conhecida como *Green Gables*. *Anne* é uma garota que tem um pensamento e bem à frente do seu tempo o que a faz questionar, a todo o momento, sobre as coisas que acontecem ao seu redor.

A série gira em torno da vida da *Anne*, ressaltando o seu crescimento e desenvolvimento, a sua imaginação, os seus anseios de vida, e a suas relações com outras pessoas, especialmente outras mulheres que convivem com ela. Entre elas, a série explora a sua relação fraternal com a sua mãe adotiva, que teve o curso da sua vida alterado ainda na juventude pela morte do irmão mais velho, conforme apresentado principalmente na segunda temporada, o que a fez declinar de seus objetivos para cumprir suas “obrigações” para com sua família. Além da *Marilla*, outras relações entre mulheres são bastante exploradas na série, como a sua melhor amiga *Diana Barry* (Dalila Bela) e a *Rachel Lynd* (Corrine Koslo) que costumavam cumprir a risca todas as regras sociais, mas conforme começaram a conviver com *Anne* começaram a olhar as situações de outras formas.

Uma das figuras de destaque por fugir às regras daquele tempo é a *Sta. Josephine Barry* (Deborah Grover), que havia tido um relacionamento amoroso com outra mulher, que veio a falecer, e tornou-se uma grande amiga de *Anne* ajudando-a a perceber que o amor não é igual para todo mundo. Além dela, a personagem da nova professora da escola, a *Sta. Murial Stacy* (Joanna Douglas), fortalece a quebra de padrões por ser uma mulher que anda de moto, usa calças, se recusa a usar espartilhos, além de introduzir métodos inovadores de ensino, sendo, por conta disso, severamente criticada pela comunidade local.

Destaque também para a mãe de sua melhor amiga, a *Sra. Barry* (Helen Johns) que representava fielmente o papel da “*bela, recatada e do lar*”, mas que teve durante a trama, um desenrolar bastante interessante. Uma das alunas da escola que mais atormentam a vida da *Anne*, a *Josie Pye* (Miranda McKeon), que humilhava e ridicularizava a ruiva por seus comportamentos e atitudes, teve um papel de destaque na terceira, e, infelizmente, última temporada que foi ao ar, após ter sido vítima de toque não consentido em seu corpo, e passou a ser o centro de atenções e humilhações perante a comunidade a que pertenciam.

Desde o primeiro episódio, e durante todas as três temporadas, de forma envolvente, o enredo apresenta os acontecimentos que exprimem especialmente o que é o “*tornar-se mulher*” na sociedade, e seus desdobramentos. Diversas práticas identificatórias são utilizadas para ditar como deve ser o comportamento feminino e retratar as virtudes femininas valorizadas socialmente, sendo motivo de questionamentos e contestações da protagonista, que, ao contrário do que desejam, apresenta um jeito autêntico e destemido, qualidades estas nada apreciadas para uma mulher que deve ser sempre calma, graciosa, educada e refinada. Além disso, a série inclui também outros assuntos como adoção, conceito ampliado de família, homossexualidade, que apesar de não serem objetivos do presente estudo, são de extrema relevância social.

Nos últimos anos, tem-se observado um crescente aumento no consumo de séries, formado pelo mais amplo e variado público, visto sua capacidade de sedução com suas imagens e sons, sempre de forma dinâmica e interativa. Contudo, a importância delas vai além do entretenimento, posto que suas narrativas revelam uma relação entre o plano ficcional e os acontecimentos na nossa vida cotidiana, e essa identificação possibilita ao espectador significá-las de acordo com a sua própria vivência. Em virtude disso, tem-se mostrado uma ferramenta eficiente por produzir relações entre os diferentes discursos que marcam a heterogeneidade do objeto cultural produzido e seu reconhecimento depende do modo como as condições de produção afetam o espectador.

E, a partir dessa perspectiva, esta série mostra-se como instrumento importante para a análise da temática, e, por esse prisma, e sem pretensão nenhuma de esgotar a temática, o presente ensaio tem como objetivo a discussão de termos e conceitos utilizados

na série sob a ótica feminista do que é *ser mulher*, e contribuir para a discussão acerca da criação sexista de crianças e seu caráter reprodutor de desigualdades de gênero.

E para aprofundar tais questões, o mesmo será dividido em três seções. Na primeira, será posta a problematização inicial acerca do tema, dos pressupostos e dos questionamentos, e apresentada a relação que a série tem com a ilustre preleção da Simone Beauvoir “*não se nasce mulher, torna-se mulher*”, partindo da análise de que sexo e gênero são coisas diferentes, e que o gênero é uma construção social.

Na segunda seção, será discutido os pontos da série que possuem relação direta com a expressão “*Bela, Recatada e do Lar*”, desenvolvendo acerca da pressão estética feminina, principalmente como objetivo de atrair o sexo oposto; sobre como deve ser o comportamento feminino, que remete a ideia de “santa pra casar”; e sobre a função da mulher em ser “do lar”, cuidar da família, ser a responsável pelo bom andamento da família, com responsabilidade direta e quase que única sobre marido e filhos.

Na terceira parte, será discutido a respeito da relação que a série tem com as expressões “*Lugar de mulher é onde ela quiser*” e “*sejamos todos feministas*”, vez que por muito tempo as mulheres foram “colocadas” e designadas a estar e ocupar locais e posições específicas, e barradas de desenvolverem-se em seus potenciais. Apesar de serem assuntos já discutidos há algum tempo, a história não nos deixa mentir de que ainda é extremamente necessário que seja isso seja falado e, infelizmente, ainda é preciso superar muitas barreiras e lutar para que seja a realidade. Além disso, a série explora a necessidade da união entre as pessoas, chamando para a luta aliados de todos os lados para que a transformações sociais aconteçam.

## **2. “NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE”**

Na série, um dos episódios que mais remetem à ilustre preleção de Simone Beauvoir, e o fato de que ser mulher é uma construção social em que há direcionamento de papéis e comportamentos, é a do “*livro de etiqueta*” que Diana recebe da mãe para que ela aprenda a se “comportar” como mulher, pois a “*infância acabou*” e ela precisa cumprir o seu papel para com sua família que é casar bem.

Diversas autoras feministas reforçam a concepção de que a distinção entre *sexo* e *gênero* está para além de um destino crivado na anatomia, e discorrem que a ideia de gênero não se refere à anatomia da mulher, mas sim aos papéis alocados para as mulheres baseados em convenções sociais e não ditames biológicos.

Neste sentido, gênero influencia a formação de poder e propõe uma produção de subjetividades, comportando assim uma categoria de análise, e não descritiva, uma vez que ao invés de se preocupar com o que os homens ou mulheres fazem, problematiza o porquê da diferença e da hierarquia nessas relações. Essas subjetividades modelam comportamentos e sentimentos e influenciam a visão de mundo.

Uma das questões que a série traz, é que nesse *tornar-se mulher*, as mulheres não precisam estudar, pois quando tentam participar das decisões elas são colocadas “*em seu lugar*” e que só podiam opinar para agradar/orgulhar pais e/ou maridos como bem mostrou a cena em que *Prissy Andrews* (Ella Jonas Farlinger) conversa com o pai sobre a possibilidade de ela participar do gerenciamento dos negócios da família.

Essa cena, mostra-se como uma advertência às mulheres de que a configuração familiar não se altera, mesmo que a mulher tenha conseguido o direito de estudar e seja intelectualmente desenvolvida, ainda assim não assinalaria mudanças históricas e sociais em relação à condição das mulheres, mas sim a perpetuação da ideologia patriarcal e machista no espaço social.

Outra importante contribuição da ficção acerca dessa temática é o filme “*O Sorriso de Monalisa*”, de 2003, que discute exatamente isso, uma faculdade só para mulheres, mas

voltada para que elas tivessem uma melhor educação para que influenciassem ainda mais na manutenção ou ascensão social do marido.

Voltando à série de *Anne*, outra cena que evidencia essas questões, é quando *Anne* após um comportamento que revelava o seu temperamento “*difícil*” e “*não adequado*” para meninas, ela é colocada na frente de todos da sala e passa a ser alvo de risadas e chacotas, e, inconformada, ela sai correndo por não concordar com determinada conduta vexatória. Esta atitude revela o quando ela tem jeito de se comportar que é ativo, independente e destemido. Sobre o desfecho desta atitude, como forma de retaliação a sua família adotiva chama então o padre da comunidade para que este *oriente* a menina a se comportar melhor na escola e a “controlar” o seu temperamento.

Contudo, o padre vai lá e afirma que por ela ter esse jeito, ela não deveria mais ir à escola, e que eles deveriam aproveitar para prepará-la para ser uma boa esposa, conselho que a família não concorda em assumir, pois ao analisarem suas próprias vidas, e encantados pelos pensamentos progressistas da menina, percebem que é o melhor a ser feito é contribuir ao máximo para que ela conquiste seus sonhos e se desenvolva ao máximo as suas potencialidades.

### 3. “*BELA, RECATADA E DO LAR*”

Durante o século XIX, a estrutura familiar e social era calcada na figura do homem, um regime patriarcal em que o marido e pai era a autoridade máxima da família. E, de acordo com essa sociedade, a mulher nasceu para completar e servir o homem, além de ser a responsável direta e, quase que exclusivamente, por cuidar da casa e dos filhos. Essa ideia está presente desde a tenra infância feminina, quando seus primeiros brinquedos são bonecas e utensílios para o lar, sendo assim, estas já crescem sabendo qual o *seu papel social*, e ao longo de todo o seu crescimento e desenvolvimento são educadas para serem boas mães e boas esposas, e as responsáveis por manterem seus casamentos (Nísia Floresta Duarte (2010)). Isso fica explícito em vários episódios da série como na cena em que as meninas estão conversando na escola sobre enxoval, após *Anne* encontrar o enxoval não utilizado da *Marilla* porque esta não veio a se casar, e as meninas comentam que estão fazendo os seus desde muito novas com suas mães e avós.

Segundo Mirela Marin Morgante e Maria Beatriz Nader (2014) o sistema patriarcal é um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres que compõe toda a dinâmica social, incrustado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo, sendo passada pelas gerações sobre os lugares sociais e orientado por relações de poder.

Além disso, as mulheres casadas ainda têm responsabilidade direta de contribuir no projeto familiar e na ascensão do marido. Fato explícito na cena em que a família Barry oferece uma festa para os moradores da vila para que o *Sr. Barry* (Jonathan Holmes) consiga pessoas que queiram investir no teste do ouro, e a *Sra. Barry* é a responsável por organizar a festa. Ao final da festa a esposa tentando conversar sobre o dinheiro e comenta com o esposo que um dos vizinhos falou que só toma decisões após consultar a esposa e o marido diz que é “humilhante”, e, após agradecê-la pela ótima festa diz que a parte financeira não é função dela.

Outro momento que deixa nítida a insatisfação dela com tudo que aconteceu e pelo fato de que ela não ser incluída nas questões financeiras, é quando eles estão viajando e a filha mais nova está brincando, mas é repreendida pela mãe que fala que a criança precisa aprender a respeitar os espaços das pessoas e aprender a ficar somente no “*seu lugar*”.

A partir desse recorte, é possível observar o *que era ser mulher*, em certo sentido, refletindo a local social destinado às mulheres numa sociedade machista e patriarcal, e sustenta o estereótipo de que a mulher deve ser sempre: “*calada*”, “*retraída*” e “*bem quietinha*”.

Além disso, destaca-se que a trama também traz a ideia de que para que uma mulher seja feliz e realizada como mulher, ela precisa se casar e ter filhos. A cena em que a *Rachel* e *Marilla* discutem porque a primeira fala que a mãe de *Anne* não teve uma vida plena porque ela não se casou, e isso causa revolta à *Marilla* e à *Matthew* (o pai adotivo de *Anne*), que não pode ser deixado de ser citado neste ensaio, pois teve um papel importante e de destaque no amor e no apoio que deu a *Anne* durante toda a série e que se mostrou um homem bem à frente do seu tempo no pensamento de igualdade entre homens e mulheres.

Uma cena relevante que ocorre com a *Diana*, melhor amiga da *Anne*, e que expressa bem o padrão de educação que era dado às mulheres que só visava direcioná-las para um futuro certo, o casamento, e de submissão aos homens, primeiramente ao pai e depois ao marido, e que nada do que ela gostava e do que ela sonhava seria levado em consideração, é quando a mesma é questionada se pretende seguir carreira de pianista e ela responde que continuará tocando se o marido concordar.

A criança responde sem pensar, pois, sempre foi levada a acreditar que este era o seu papel, ao qual nasceu para cumprir, mas após perceber que estava perdendo coisas importantes da vida, como ir para uma faculdade, que a faz começa a refletir sobre essa sua “função”. A culminação é que após uma briga com os pais que não a estavam deixando estudar para o vestibular, e após ser confrontada pelo sofrimento da irmã mais nova que se vê obrigada a seguir os passos da mais velha e fazer o que não quer e se comportar de uma forma que também não gosta, ela passa a refletir a se questionar sobre qual é na verdade a sua vontade e luta para que esta se torne realidade.

#### **4. “LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER” E “SEJAMOS TODOS FEMINISTAS”**

Por grande parte do tempo, a maior luta feminista foi a busca por direitos iguais entre homens e mulheres na sociedade, porém, esta luta para a inclusão das mulheres na cidadania, como o direito político ao voto e à educação, não se caracterizava pelo desejo de alteração das relações de gênero, mas sim, como complementar para o bom andamento da sociedade. Não que estas vitórias não fossem importantes, mas que não significam nada diante do problema da emancipação integral da mulher, pois nunca atingia a todas, sendo de fato um movimento elitista e branco, excluindo mulheres negras e pobres, pois, como relatado pela autora Sueli Carneiro (2003), as sociedades possuem as mais diversas formas de opressão, e o fato de ser mulher não a torna igual às demais.

A crítica ao movimento feminista esteve presente principalmente na cena em que a *Marilla*, pouco tempo após adotar a *Anne*, é convidada a participar da reunião das “mães progressistas” da comunidade. Estas reuniam-se para discutir acerca da educação das meninas da cidade num propósito de formar mulheres mais “educadas”. Porém, as discussões das mesmas não incluíam outras demandas e nem situações peculiares para além destes assuntos. Todavia, após um incidente relacionado a um “comportamento” de *Anne*, *Marilla* é desconvidada a participar das reuniões da mães progressistas, por achá-la digna de tal discussão, uma vez que a órfã não possuía os atributos para tornar-se uma mulher respeitável.

Em outro momento, as mesmas mães desprezam a *Marilla* por esta estar carregando a bebê negra e órfã filha da *Mary Lacroix* (Cara Ricketts). Esta crítica ainda é bastante recorrente em vários movimentos feministas, que exprimem que “*se o seu feminismo não inclui a sua mãe ou a sua empregada, de que ele serve?*”. A terceira temporada da série também expõe a importância da união entre as mulheres e o papel dos homens como aliados na luta pela igualdade formal entre homens e mulheres e para uma sociedade mais justa e equânime. A este respeito, cabe também uma observação.

Há algumas cenas na série em que os posicionamentos de Anne são melhores aceitos, até pelas outras mulheres, quando expressados por um homem, e isso ainda é muito forte nos dias de hoje. Uma delas é a cena que ocorre após a repercussão do artigo publicado por Anne na revista escolar, sobre a autonomia do corpo feminino, e todos os alunos que participam da criação do jornal estavam revoltados por ela ter feito este artigo e como o fez, principalmente porque ela escreveu que o corpo das mulheres é dela e que elas já nascem completas e não precisam de um homem para serem felizes e realizadas.

Ressalta-se que estes pensamentos não bem aceitos ainda nos dias de hoje, mas *Gilbert Blythe (Lucas Jade Zumann)* “mostra” a todo mundo que na verdade o que ela fez foi o certo, e que todos deveriam ter orgulho porque o errado em todo o momento havia sido *Billy (Christian Martyn)* e não *Josie*, e muito menos a *Anne*. Esta cena reforça que não é incomum que a fala de uma mulher não seja valorizada, mesmo quando ela fala “pelas suas”, mas a mesma fala quando dita por um homem, principalmente o branco e heterossexual, é mais aceita, mais valorizada e muitas vezes até vangloriada.

E não podia deixar de falar sobre a professora *Sta. Muriel* que, entre outras coisas, gostava de andar numa bicicleta motorizada, de mexer em aparelhos mecânicos, por gostar de usar calças e sem espartilho, o que alarmou a *Rachel*, pois ela diz que esse não é lugar para mulher e que assim ela não iria se casar. As duas personagens tiveram papéis bem importantes na série, sendo a *Rachel*, especialmente no início da série, a quase personificação de como deveria ser a mulher e como se comportar inclusive orientando outras mulheres a seguirem isso, e a *Muriel* o completo oposto, pois ela representa exatamente tudo aquilo que uma mulher não deve fazer e os lugares que não deve ocupar. As duas se vão se envolvendo ao longo dos episódios da temporada última, e a *Rachel* acaba se deparando com diversas situações que não concorda, a refletir e se transformar.

## 5. CONCLUSÃO

Conforme exposto podemos perceber que a série apesar de só ter três temporadas e terem poucos episódios, consegue reunir de forma intensa diversos temas relevantes na sociedade e contribuir para as reflexões necessárias. Em diversos episódios, a forma como os assuntos são abordados mostram ao espectador quais comportamentos e atitudes são considerados apropriados e aceitos para homens e mulheres, mas também o motiva a questionar esses padrões, e apresenta também formas de comportamentos subversivos que são necessários para que mudanças reais possam ser promovidas na nossa sociedade.

Destaca-se que a série tem muitos assuntos que poderiam ser discutidos, mas que não caberiam todos em um único ensaio, como o fato de realçar que todas as pessoas são diferentes entre si, e por revelar diversos problemas enfrentados pelas pessoas numa sociedade que não aceita a diferença, o que *Anne* sempre representava, porém são as singularidades que devem ser enaltecidas e apreciadas nas pessoas, pois é o que torna cada ser humano único.

## REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.
- DUARTE, Nísia Floresta. **Direito das mulheres e injustiça dos homens**. São Paulo: Cortez, 2010.

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico. **Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e Práticas Científicas**. 2014. Disponível em: [http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465\\_ARQUIVO\\_textoAN\\_PUH.pdf](http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoAN_PUH.pdf) Acesso 28 mai 2022

---

#### COMO CITAR ESSE ESCRITO

MELO, Livia. A série “Anne with an E” e a sua contribuição para a discussão dos papéis de gênero. **Revista Direito e Feminismos**. Salvador, Bahia, vol.1, nº1, 2022.

#### REVISTA DIREITO E FEMINISMOS

Recebido em: 14.06.2022

Aprovado em: 21.06.2022

---